



## ÂNGELA CHOCOLATE

# Do sonho de ser modelo à afirmação como uma profissional do marketing

Ângela Chocolate nasceu em Angola. Cresceu no bairro Ecocampo, no município do Cacucaco, em Luanda. Na juventude, o seu tempo era repartido entre os estudos, nos dias normais, e as actividades da igreja, aos domingos. Ainda tinha um tempo reservado a uma agência de modelos, em Cacucaco, onde aprendia sobre esta arte.

Bernardino Manje

**Chocolate** tinha o sonho de se tornar uma atriz e modelo. Tinha como ídolo Naomi Elena Campbell, uma supermodelo e atriz britânica, surgida na década de 1980, e que se tornou uma fonte de inspiração para quem pretende seguir aquelas profissões.

A vontade de se tornar modelo e atriz aumentou ainda mais porque Ângela admite que não gostava de estudar e julgava que ser modelo ou fazer parte do mundo da representação não pressupunha dedicar-se aos estudos.

O desleixo pelos livros ficou tão acentuado que Chocolate começou a ter muitas notas baixas na escola. Lembra-se, com nostalgia, da importância do pai na pessoa que ela é hoje. Um dia, disse, o pai, um professor muito conhecido no Ecocampo, chamou-a para junto de um espelho que tinham em casa.

“Filha, eu não quero que você seja atriz, nem modelo. Quero uma filha Doutora!”, terá ordenado, o progenitor, num tom imperativo. “Estás a ver esta beleza? Um dia ela

passa e não te vai levar a lado algum”, terá ainda dito o pai de Ângela, ao apelar a filha à dedicação aos estudos.

**Um dia o pai, um professor muito conhecido no Ecocampo, chamou-a para junto de um espelho que tinham em casa. “Filha, eu não quero que você seja atriz, nem modelo. Quero uma filha Doutora!”**

Um certo dia, o pai de Ângela, Eduardo Bayua Chocolate, faz uma inscrição para que a filha concorresse num vestibular para estudar no Brasil. A inscrição custou 100 dólares e o Senhor Chocolate já se tinha arrependido do investimento porque não acreditava na aprovação da filha, pois não gostava de estudar. Puro engano, porque... a Ângela aprovou no vestibular!

A jovem sonhadora, pensando que, com a ida ao Bra-

sil, estaria a dar o primeiro passo para a concretização do sonho de se tornar atriz e modelo, superou-se e foi uma das apuradas. Ângela Chocolate admite que o sucesso no vestibular deveu-se, em grande medida, aos professores de Língua Portuguesa, Inglês e Matemática contratados, particularmente, para o efeito. Um deles é o linguísta Serafim Muenho, companheiro no Grupo de Jovens católicos da Paróquia de São João Baptista de Cacucaco e que actualmente está a fazer um doutoramento numa das universidades de Portugal.

Estamos em Março de 2005. Chega a altura do embarque para o Brasil, naquela que seria a primeira viagem de avião da jovem Ângela Chocolate, aos 23 anos. Antes do embarque é o momento das despedidas da família. E surge o conselho do pai: “Minha filha, não transforme a liberdade em libertinagem. A minha parte já fiz. A outra parte é contigo”, lembra, quase a lacrimejar, Ângela, sobre a renovação do incentivo do pai aos estudos.

O Senhor Chocolate estava

consciente de que a filha estava a embarcar para um mundo estranho para si e que, qualquer distração, ela colocaria tudo a perder. A mensagem foi bem acolhida pela filha que procurou fazer aquilo que nunca gostou: estudar!

A ideia inicial era fazer o curso de Medicina Veterinária, na Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), onde diz ter conhecido pessoas maravilhosas. “Foi super interessante”, conta Ângela Chocolate, admitindo, entretanto, que a Medicina Veterinária não conquistou o seu coração. “Não sentia aquela paixão”, confessa.

O tutor de Ângela jogou um papel fundamental no que ela é hoje. “Ele notou que a minha vocação estava na área de Administração, onde tinha as melhores notas. Resolvi, então, inscrever-me no curso de Comércio Exterior (Negócios Internacionais), na Universidade Monte Serrat”, conta. Valeu a pena a aposta, pois começaram a surgir boas notas, que a levaram à conclusão do curso sem sobressaltos.

Depois de concluir a formação, Ângela regressa ao país, onde exerce a função de directora dos Recursos Humanos da Universidade Independente de Angola (UNIA). Em finais do ano passado, teve a necessidade de voltar ao Brasil, para acompanhar o filho menor que carecia de assistência médica. A deslocação serviria, igualmente, para Ângela dar à luz à sua última, pois a gravidez era de risco e impunha-se uma assistência no exterior do país. Felizmente, o parto foi bem-sucedido. A alegria de Chocolate era ainda maior porque se tratava do quarto parto bem-sucedido por cesariana e da única filha biológica, já que tem uma outra, mas adoptiva.

Ângela considera que os quatro partos são os momentos mais marcantes da sua vida. “Cada parto foi um marco histórico para mim. Tive quatro cesarianas e a minha vida esteve em perigo naqueles quatro anos. Mas saí viva de cada uma delas (cesarianas) e com os meus tesouros (filhos) nos braços”, lembra, com alegria.

## Acontecimento

### Consequências da Covid-19

Entretanto, um acontecimento inesperado surge pouco tempo depois do nascimento da filha de Ângela: a propagação da pandemia da Covid-19. Devido às medidas de contenção à propagação da pandemia, muitos países, como é o caso do Brasil, decretam o Estado de Emergência e as fronteiras são encerradas. Chocolate fica retida no Brasil com os dois filhos. O marido e os filhos que tinham ficado em Angola seguiram para aquele país da América do Sul um pouco depois de Ângela dar à luz.

“Ele chegou no final de Fevereiro, exactamente quando esse coronavírus começou a pegar aqui no Brasil”, conta Ângela que, agora, parece não ter plano de regresso imediato para Angola. Já conseguiu um trabalho como correctora de imóveis e consultora da área de vendas da Mitre Realty, uma incorporadora e construtora com mais de 58 anos de história. Tradicionalmente, a empresa desenvolve empreendimentos de médio e alto padrão, concentrados na Grande São Paulo.

Com 38 anos a serem completados em Outubro, Ângela Chocolate assume que adora desafios e cargos desafiantes e aponta o objectivo principal nesta nova actividade. “O que quero, agora, é que alguém que queira adquirir imóveis da Mitre pense em mim”, declara a jovem desafiadora.

## Perfil

**Nome:** Ângela Chocolate  
**Filiação:** Eduardo Bayua Chocolate e Teresa Simba Ferreira Custódio

**Naturalidade:** Cabinda  
**Data de Nascimento:** 14 de Outubro de 1982

**Estado Civil:** Solteira, porém vivo maritalmente com o pai dos meus últimos três filhos.

**Onde passa férias:** Normalmente no Brasil, não tendo uma cidade em especial. Mas quero conhecer dois países: Canadá e França

**Ano que mais a marcou? Por quê?**

Não tenho um ano específico. Os quatro anos em que dei à luz aos meus filhos. Cada parto foi um marco histórico para mim. Tive quatro cesarianas e a minha vida esteve em perigo naqueles quatro anos. Mas saí viva de cada uma delas (cesarianas) e com os meus tesouros (filhos) nos braços. Então, não existe ano mais marcante a não ser aqueles.

**Ministra ou deputada, qual dos cargos preferia?** Aquele que me desse a liberdade de poder mudar as coisas das quais não gosto.

## PICAS, ANTIGO FUTEBOLISTA DO PETRO DO HUAMBO, FALECEU AOS 56 ANOS

FRANCISCO LOPES | EDIÇÕES NOVEMBRO | HUAMBO



# Partiu o homem “brutal” dos Kurikutelas

*“Alô Luanda! Alô Luanda! Kurikutelas chama... Kurikutelas chama”. Era com esta alerta que o radialista Mota Lemos, de voz aguda e português “aportuguesado”, interrompia, na democratização do desporto, a transmissão do relato de outro jogo, na emissão de Tarde Desportiva, para narrar a mudança do marcador no Huambo... no estádio Kurikutelas: “É golo! É golo!... do Petro do Huambo. Goolooo! Goolooo! Petro do Huambo. Ao cair do pano. Quem poderia ser mais? É ele, o inevitável e discretíssimo, Picas!”*

Miguel Ângelo / Huambo

O Huambo e arredores, por este brilhantismo de relatar a ‘tragédia futebolística’ da equipa derrotada, mergulhavam, penhoradamente, em rios de emoções e lágrimas. Picas, futebolista de apurada técnica, era o causador-mor dessa descontrolada paixão do ‘coração-clubista’. Que não tem explicação.

“O ‘Pica-Pau’ resolveu o jogo ao cair do pano”, enfatizava, até à exaustão, Mota Lemos.

O Ponta-de-lança exímio, de corpo franzino, sabia o que levava, de facto, o povo, das cidades, aldeias e quimbos, ao estádio dos Kurikutelas, no bairro das Cacilhas: Golo! Mais golos! E o radialista, com mestria, conjurava as melhores palavras para transmitir, fielmente, cada golo do Picas... e do Petro do Huambo, deixando pregado ao rádio outra legião do povo-adepto.

Foi assim que, durante anos-e-anos, os prosélitos do futebol, no Huambo e ou-

tros estádios de Angola, rendiam-se, para o regalo dos ‘olhos-de-bom-futebol’, à grandeza do talento raríssimo e indiscutível de Picas. “Era o ‘tira-vergonha’ do Huambo no futebol, contam as pessoas no Planalto Centro.

Na vida social, como ex-praticante e relações públicas do Petro do Huambo, era a simplicidade em pessoa. Próprio da génese dos filhos da região. “Não se metia na vida de ninguém”. Reconhecem.

Mas o coração de Picas, o homem dos golos imprevisíveis, deixou de bater no passado dia 28 de Abril, por volta das 23 horas, por complicações de saúde, no Hospital Geral do Huambo. Tinha 56 anos.

“Perdemos um bom amigo. Não se preocupava por ser nosso mais-velho e a fama do passado”, descreve o Justino Victorino, ex-aspirante à carreira de futebolista, mas hoje jornalista, com quem partilhara algumas ocasiões ‘etílicas’ na loja da dona Anita, à rua Imaculada da Conceição, na zona Cidade Alta.

António Pacheco, de seu

nome completo com os sobrenomes de Manuel Tomé, nascera, em Janeiro de 1964, na província do Cunene. Mas, com tenra idade, adoptara o Huambo como local de partida à conquista da própria identidade. “Poucos sabem que sou do Cunene. A minha garra é de verdadeiro cuanhama”, vangloriava-se, o ‘dono’ do bairro das Cacilhas, em conversa com os amigos.

Partiu o homem que deixava, sempre que convocado, milhares de adeptos, sem âmagos clubísticos, em deslumbramento. Por regra, feito uma ‘arma-secreta’, era o último a sair dos balneários... com o equipamento completo. E mais: sentava-se no banco dos suplentes, conta Silvano Katiavala, que ‘fugiu’ do Mambroa do Huambo, para o ‘arqui-rival’, por causa, diz, “do ‘mulato’ que jogava muita bola”.

“Era uma forma de baralhar o técnico e as defesas adversárias. O pensamento de que ele, o Picas, não vai jogar, porque ia se sentar no banco dos suplentes. Era, em muitos casos, uma jo-

gada”, conta este adepto, assegurando que foram as equipas que “viram fumo” com esse ‘esquema-táctico’ antes dos jogos.

Jogador discreto. Oportuno na marcação de golos. Fazia aquilo que é missão de um ponta-de-lança: encontrar a baliza dos adversários em busca da vitória. A descrição qualitativa, do ‘homem golo’, é de José Cápua Sequesseque, jornalista da emissora provincial do Huambo, da Rádio Nacional de Angola.

“Picas foi, de facto, um homem brutal!”, afirma, peremptória e categoricamente, o jornalista desportivo, que, também, viveu e conviveu momentos de glória, inclusive no engrandecimento da sua carreira profissional, à pala da virtuosidade futebolística dessa ‘pérola cuanhama’ descoberta, em 1975, pelo Clube Recreativo da Caála, onde actuou nos escalões de juvenis e juniores.

“Foi um ponta-de-lança nato. Tive o ensejo de vê-lo a jogar, na parte final da sua carreira como júnior, no Clu-

be Recreativo da Caála. Picas, ainda com a idade de júnior, já militava na equipa sénior. Era um atacante incrível, com faro de golo e uma técnica bastante apurada. Era de uma rapidez jamais vista em atacantes da nossa urbe, ou seja, do futebol nacional”, desvela José Sequesseque.

### No meio de feras

Quando se transferiu, em 1981, para o Petro do Huambo, o impacto de “medo e receio”, em partilhar o balneário do clube com jogadores feras e craveira, como Mateus, Detone, Carlos Pedro, Saavedra, Calumbo, Mona, entre outros, foi de “não querer voltar no dia seguinte aos treinos”, como contara, numa entrevista que concedeu, há três anos, ao jornalista Justino Victorino, publicada no Jornal dos Desportos.

Os amigos mais próximos aconselharam-no a não desistir. Era preciso, por ele próprio, acreditar no talento que tinha. Foi o que aconteceu. Naquela época, diz José Sequesseque, “já tínhamos um Petro do Huambo

de verdade. Mas ele, com coragem e humildade, se impôs”. O corpo, fisicamente franzino, fazia dele, o ‘homem-golo-das-Cacilhas’, como “se fosse uma faca quente passando no pão com manteiga”, ironiza.

É nesta condição, em ser desprezado pelos adversários, devido à sua estrutura física, que ganhou o estatuto de ‘arma-secreta’ do clube e dos treinadores com quem trabalhou, como são os casos de Nina Serrano, Arlindo Leitão, João Machado, Waldemar Serdeira, Mbuissu António e Rúben Garcia.

Em jogos decisivos, Picas era lançado ao jogo nos derradeiros minutos, quando tudo se parecia consumado. Como ponta-de-lança, diz o jornalista, sabia, de concreto, o que fazer em campo: “Marcar golos. Quem jogou com ele sabe o quanto representou no domínio das defesas. Resolvia, era um jogador discreto, mas oportuno na marcação do papel de um ponta-de-lança. Foi um dos melhores, no país, nesta posição”.

# Pica-pau 'cantou' nas Cacilhas

FRANCISCO LOPES | EDIÇÕES NOVEMBRO | HUAMBO

As carreiras de futebolistas, à semelhança de Picas, são recheadas de inúmeras histórias que ficam guardadas na memória colectiva. José Sequesse, que assistiu e acompanhou a carreira de Picas, conta, com algum assomo nostálgico, algumas dessas façanhas. O jornalista desportivo, como um excelso narrador de futebol, busca à memória uma história que calara fundo nos adeptos e 'hipnotizara' as Cacilhas:

"Lembro-me de um jogo, entre Mambôa e Petro do Huambo, realizado no Estádio das Cacilhas, em que Carlos Pereira, à época director da Rádio Nacional de Angola, fazia o relato. O Picas faz um golo de cabeça e o Carlos Pereira, ao gritar golo, disse assim: "O Pica-pau cantou nas Cacilhas!"

Foi um golo brutal, entre aquelas defesas de Lutukuta e Mascarenhas. O Picas aparecia e resolvia. Não dava muito nas vistas do sector defensivo", recorda a 'voz' do jornalismo desportivo no Huambo. Mais: "Furava defesas, como aqueles grandalhões e latagões. O Picas conseguia fazer coisas impossíveis".

Mas o talento revelado, durante os anos que estivera no activo, não foram suficientes para fazer 'perder-a-cabeça' a um dos clubes grandes do Girabola à contratação de Picas. Mais uma vez, rebuscando dados antigos, José Sequesse, indica o 'culpado' pela não concretização desse sonho:

"O Picas só não atingiu o Petro de Luanda, 1º de Agosto, ou mesmo para o exterior, porque, naquela fase em que jogou,

na década de 80, havia muitos impedimentos e era difícil a pessoa se ausentar do país, devido às condições administrativas, problemas militares, factor guerra, enfim, muitas dificuldades. Mas, reconhecidamente, foi um grande jogador que marcou uma determinada época do futebol angolano", explana.

Na memória colectiva ficaram as exhibições de um jogador que, aos fins-de-semana, quando jogassem em casa, no Estádio dos Kurikutelas, enchia de emoções e paixão os adeptos com "brutais" golos.

"Hoje em dia, temos um défice de jogadores com as características do malgrado", por esta 'boca' de José Sequesse, que fica na história como o 'tirava-vergonha do Huambo'. No Girabola!

## Pandemia no adeus

O féretro, contendo os restos mortais de António Manuel Tomé Pacheco, desceu à sepultura, no passado dia 2 de Maio, do cemitério Mártires Kanhala, no município da Caála. O Petro e povo do Huambo desejavam prestar o verdadeiro tributo ao jogador que "tirava-vergonha" do Planalto Centro, mas a pandemia da Covid-19, que obriga a observação de algumas restrições, não permitiu um adeus à dimensão da sua brilhante carreira futebolística e humana.

Nelito Constantino, o 'eterno capitão' do Petro do Huambo, descreveu, na leitura do elogio fúnebre, as qualidades de Picas. "Este senhor foi o maior!". As lágrimas tomaram conta do seu rosto. "Companheiro, descanse em paz!".



## Estádio transformado em pasto

Em entrevista ao **Jornal dos Desportos**, há pouco mais de três anos, Picas lamentara a destruição do estádio dos Kurikutelas, no bairro das Cacilhas, afirmando que "houve irresponsabilidade" da parte do Ministério da Juventude e Desportos, à época liderado por Gonçalves Muandumba.

O Mambôa e o Petro do Huambo, com o derrube das antigas estruturas do estádio dos Kurikutelas, também conhecido como das Cacilhas, foram os grandes prejudicados. Picas afirmara que foi o "aniquilar de sonhos" de muitos jovens em despontar no futebol. "A recuperação das infra-estruturas poderão massificar fortemente o futebol nos escalões

de formação", expressara.

Mas, nos dias de hoje, o estádio dos Kurikutelas está transformado em enxovia, longe de se imaginar que por aquele local estava erguida uma das maiores estruturas desportivas do país. E Picas, na entrevista ao **Jornal dos Desportos**, traçara um quadro da situação:

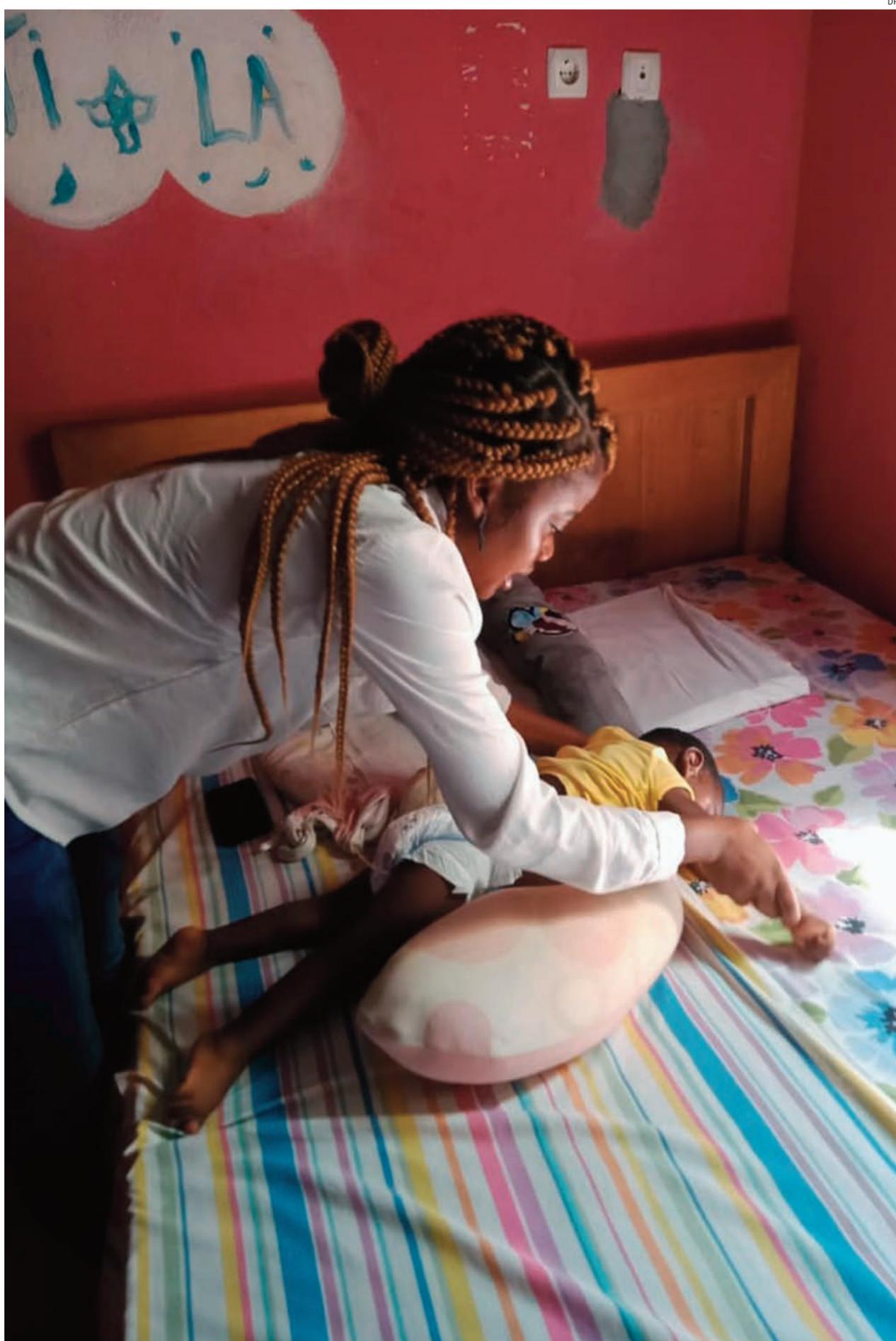
"Se a condição do meu Petro é de lamentar, a situação do nosso rival das Cacilhas é bem pior, porque eles, desde o tempo colonial, sempre tiveram o seu estádio e acabaram por ficar sem ele. É vergonhoso ver o mítico estádio das Cacilhas transformando em local de pasto para cabritos ou de acoto para delinquentes", lamentara.



CHAYA MALHI, MENTORA DO PROJECTO NEUROKIDS ANGOLA

# Tudo pelas crianças portadoras de paralisia cerebral

Chaya Malhi é jovem e determinada. Aos 20 anos de idade, e na recta final da sua licenciatura em Fisioterapia pela Universidade Jean Piaget de Angola, decidiu testar, na prática, os seus conhecimentos científicos. O resultado foi a criação da startup - termo inglês que em português significa “empresa emergente” - denominada NeuroKids Angola. A NeuroKids Angola é um projecto que visa, única e exclusivamente, trabalhar com crianças portadoras de paralisia cerebral e deficiência física e em defesa dos direitos das crianças acometidas por essa doença. A magnitude do projecto e os resultados alcançados junto das comunidades fizeram com que os mentores do projecto fossem recebidos, na Cidade Alta, pelo Vice-Presidente da República de Angola, Bornito de Sousa

DR  
Ferraz Neto

**Quando é que surgiu a ideia da criação do projecto Neurokids Angola?**

Surgiu em Junho de 2018. Na altura, estava a frequentar o primeiro ano de licenciatura em Fisioterapia na Universidade Jean Piaget de Angola (UNIPIAGET).

**O conceito de Neurokids tem ganhado dimensão no domínio da reabilitação de crianças e adolescentes com algum tipo de deficiência. Quais são as características das patologias identificadas pela Neurokids Angola?**

O projecto Neurokids foi especialmente criado para crianças portadoras de doenças neurológicas, especialmente deficiências neuromotoras. O atraso no neuro-desenvolvimento, a rigidez muscular (espasticidade), dificuldades para deglutir alimentos (disfagia) e crises epilépticas têm sido as características predominantes nos nossos neurokandengues em Angola.

**Um projecto da dimensão do Neurokids Angola precisa de ser multidisciplinar? Quais são as áreas em que têm estado a trabalhar?**

Sim. É extremamente essencial que seja multidisciplinar, tendo em conta as directrizes internacionais de atenção à criança com paralisia cerebral. Temos estado a trabalhar com médicos, fisioterapeutas e professores do ensino especial. Desejamos ampliar as nossas relações para termos, assim, uma verdadeira equipa multidisciplinar em prol do desenvolvimento dos nossos neurokandengues.

**Muitas regiões do país carecem de especialistas para o acompanhamento e tratamento de crianças com problemas psicomotores. Qual é o nível de aplicação do projecto no país?**

A aplicação deste projecto é pretendida a nível nacional. A nossa missão primordial é vencer as barreiras geográficas e sócio-culturais existentes no nosso sistema de saúde, sendo o nosso maior local de actuação as zonas periurbanas

e rurais de Luanda. **Quais são as fases de diagnóstico para que uma criança possa ser socorrida pela equipa da Neurokids Angola?**

O projecto Neurokids Angola, neste momento, é social e filantrópico. O histórico da criança é o nosso maior tesouro, para darmos o nosso apoio. Desde o momento que a nossa equipa toma conhecimento de uma criança que apresenta as características, com diagnóstico clínico ou não, da encefalopatia não progressiva (paralisia cerebral), deslocamo-nos ao encontro dela para radiografar a sua situação. Damos orientações à família sobre os cuidados a ter com ela e as actividades para o seu estímulo sensorial, ofertamos uma calça de posicionamento (feita por nós) para lhe dar conforto e ajudar a prevenir deformidades.

**Angola é um país que viveu décadas de conflito armado. As sequelas e o stress pós-traumático ainda são visíveis. Qual é a visão da equipa de trabalho da Neurokids Angola?**

Estamos cientes dos perigos e barreiras que podemos, eventualmente, encontrar, pois as décadas de conflito armado deixaram sequelas que podem ser fatais. Temos as nossas estratégias bem definidas e planos traçados de modo a vencer isto. A nossa equipa de trabalho procura, cada vez mais, se informar e capacitar para enfrentar estes problemas.

**Muitas das crianças afectadas com problemas psicomotores, como dificuldades nos movimentos dos membros inferiores e superiores, são excluídas da escola. Que tipo de trabalho tem vindo a ser feito para a integração social destas crianças?**

O ensino especial em Angola carece de melhor investimento. Toda criança portadora de uma deficiência, quer seja ela intelectual e/ou física, tem o direito à integração social. O Neurokids é defensor da inclusão social e equidade. Neste momento, com o apoio científico de diversas organizações de pa-

ralisia cerebral internacionais pioneiras na integração social, temos investigado sobre os métodos neuro-psicopedagógicos para educação destas crianças, preparando as soluções aplicáveis para a sua integração social. Não estamos sozinhos nesta luta.

**A criação de um Centro de Neurokandegues é um dos vossos focos. Fale-nos da materialização deste projecto?**

É um dos nossos objectivos a longo prazo. É um grande investimento financeiro, para o qual ainda não temos condições, mas deixamos em aberto para toda e qualquer entidade, pública ou privada, ajudar-nos a dar este presente aos neurokandegues. Os Centros de Neurodesenvolvimento, bem equipados com os protocolos internacionais, apostados em neurociências e com profissionais qualificados, em todas as provinciais, serão um grande avanço para auxiliar neste problema de saúde infantil. Desejamos trazer para Angola os melhores tratamentos para este problema e colocar o país dentro da comunidade neurocientífica.

**Outro dos grandes desafios**

**constante da vossa agenda de trabalho é a criação do fundo solidário denominado “Sorrir para sorrisos”...**

A maioria das crianças portadoras de paralisia cerebral são de famílias carenciadas e não têm, muita das vezes, recursos financeiros para custear o tratamento e manter os seus cuidados. O fundo “Sorrir para Sorrisos” será criado para suprir as necessidades principais dos neurokandegues, tais como: medicação, fraldas, suplementos nutricionais, roupas e exames. Queremos contar com a ajuda de todos angolanos nesta causa. Não terá um valor estipulado para contribuir, tal como quem quiser poderá também fazer doações de material e cadeiras de rodas especiais.

**Nesta época da pandemia da Covid-19 são maiores os dilemas das famílias em confinamento social com crianças com transtornos. Que soluções têm sido apresentadas às famílias pela equipa da Neurokids Angola?**

Cuidados sobre o posicionamento, informação sobre alimentação, modo de agir perante as crises epilépticas,

as actividades lúdicas para estimulação precoce e o cumprimento das medidas preventivas contra a covid-19, são as soluções apresentadas às famílias, neste período de confinamento social. Estamos sempre em alerta e procuramos saber sempre sobre o estado dos neurokandegues.

**Quais são os requisitos para que os especialistas das mais diferentes áreas possam aderir ao projecto Neurokids Angola?**

Somos apologistas de qualidade e não de quantidade, devido à sensibilidade da causa. Os requisitos principais para fazer parte desta família são: amor ao próximo, assiduidade, responsabilidade e engajamento. São convidados a fazer parte desta família todos os especialistas que estejam realmente movidos pela causa e a vontade de mudar o rumo desta história. Basta entrar em contacto conosco pelo e-mail neurokidsangola@gmail.com.

**As crianças com hidrocefalia, também conhecidas como “cabeça grande”, têm sido alvo de discriminação social. Que soluções vocês têm para**

**este e outros problemas vigentes na nossa sociedade?**

A falta de informação, os estigmas e os dilemas culturais, têm sido o nosso alvo. Temos conhecimento da discriminação e preconceito da nossa sociedade, que desconhece o problema e sua origem. Esta questão está incluída no nosso plano de trabalho, uma forma de alfabetizar a sociedade sobre as doenças neurológicas, má formação congénitas e suas origens, fazendo jus ao nosso lema “Informar para incluir”.

**No início deste ano, isto é, em Fevereiro, a equipa Neurokids Angola foi recebida pelo Vice-Presidente da República, Bornito de Sousa. Fale-nos do que foi conversado e o que ficou acordado?**

Agradecemos a Sua Excelência Vice-Presidente da República, Dr. Bornito de Sousa Baltazar Diogo, pela recepção e tempo disponibilizado. Foi uma reunião produtiva, onde abordámos assuntos ligados à causa do projecto. Recebemos orientações e conselhos por parte de sua Excelência, que se mostrou feliz ao ver uma jo-

vem angolana, de apenas 20 anos, engajada em trabalhar voluntariamente em prol das crianças com deficiência neuromotora.

**Foram dados passos para a materialização do que lhes foi prometido na audiência?**

Ficámos gratos pela oportunidade de sermos ouvidos e mostrar as soluções criadas, para ajudar o nosso país neste aspecto social. Não foram feitas promessas por parte de Sua Excelência Vice-Presidente da República. Fomos incentivados a continuar a trabalhar, pois estamos cientes do estado económico do país, mas ficámos congratulados com o apoio do Gabinete de Sua Excelência.

**A Chaya Malhi é o rosto principal da Neurokids Angola. Quais são os seus principais desafios para os próximos anos?**

Os desafios para os próximos anos são: conclusão da minha licenciatura e seguir, posteriormente, com uma especialização na área de reabilitação pediátrica, além de conseguir os apoios financeiros para que o Neurokids seja uma patente angolana em África.





**PERFIL**

---

**NOME COMPLETO**  
Chayah Olavio Malhi

---

**Naturalidade**  
Luanda

---

**Filiação**  
Fabrice Mussanga Malhi e Mariquinhas Domingos Felipe Olavio Daniel

---

**Estado civil**  
Solteira

---

**Filhos**  
Sem filhos, de momento

---

**Sonho**  
Ser uma referência em Reabilitação Pediátrica

---

**Defeito**  
Teimosa

---

**Nome do cônjuge**  
Sem cônjuge, de momento

---

**Formação académica**  
Estudante do 3º ano do curso de Fisioterapia na Universidade Jean Piaget de Angola

---

**Cor predilecta**  
Rosa

---

**Local para férias**  
Botswana

---

**Prato preferido**  
Fumbua

---

**Passatempo**  
Escrever contos infantis

---

**Sente-se realizada?**  
De momento, não. Ainda há muito que pretendo realizar!

---

**Tem carro próprio?**  
Não

---

**Tem casa própria?**  
Não



## UNIÃO MUNDO DA ILHA ASSUME DESAFIO

# Preservar a tradição e ao mesmo tempo inovar

A segunda geração do União Mundo da Ilha, que herdou dos ancestrais a afeição pelo carnaval, tem procurado dar continuidade ao legado de seis décadas de existência, em que a agremiação se tornou uma das mais importantes referências do Carnaval de Luanda. Embora o grupo, vencedor da edição de 2020 do carnaval, aborde na generalidade as tradições da Ilha do Cabo, nos últimos anos tem apostado na inovação, diante da dinâmica dos acontecimentos sócio culturais, económicos e políticos do país e do Mundo. “Filhos legítimos do mar”, quer os integrantes da antiga geração, quer os da nova, têm sabido preservar a tradição dos ilhéus. Em tempo de confinamento causado pela covid-19, eis uma reportagem sobre o União Mundo da Ilha, cujos dados foram colhidos pouco antes do primeiro decreto do Estado de Emergência

| EDIÇÕES NOVEMBRO



Manuel Albano

**Detentor** de um currículo invejável e de uma legião incalculável de seguidores, o grupo carnavalesco União Mundo da Ilha já conquistou, ao longo da sua existência, 14 troféus. Estava um sol ardente e o cheiro do mar convidava para um mergulho. Infelizmente, a nossa missão era outra. A brisa que pairava no ar apelava para uma soneca, depois da “sentada familiar” organizada pela agremiação carnavalesca para comemorar mais um título.

“O compromisso com o grupo leva mesmo os foliões, num comportamento geracional, a doarem os parques recursos que têm, para ajudar o União Mundo da Ilha”, disse ao *Jornal de Angola* o presidente da agremiação mais titulada de

Luanda, António Custódio, que garante continuidade na transmissão do legado às novas gerações.

Encontrámos um ambiente descontraído, num cenário composto por várias gerações, logo à entrada da sede, no bairro do Lelo, à Ilha do Cabo.

As tendas ajudavam a minimizar o intenso calor. “Na Ilha, ninguém morre à fome”. As palavras de boas vindas eram do presidente, das conselheiras e dos membros do grupo.

“Os erros do passado têm servido para ajudar a melhorar as exhibições”, disse António Custódio, que deu a conhecer que, doravante, passa a trabalhar com “espias” para saber do desenrolar da preparação dos adversários.

Este ano, o Mundo da Ilha ficou num local estratégico de concentração, contraria-

mente aos anos passados, para evitar a dispersão dos integrantes. Esse acto, reconheceu Custódio, trouxe benefício ao colectivo.

Um dos segredos foi manter o grupo concentrado num único espaço, distante dos locais de convívio. António Custódio lembrou que na edição de 2018 do carnaval, o rei teve dificuldades de se exhibir porque “estava bêbado”. Como castigo, não desfilou na edição seguinte. Naquele mesmo ano, o grupo perdeu para o “rival” União Recreativo do Kilamba, por uma diferença de dois pontos, segundo António Custódio, por terem “desperdiçado pontos na avaliação da Corte”.

Para o responsável, o Carnaval de Luanda precisa de inovações, mas a tradição deve permanecer. Diferente das edições passadas, este ano, disse, o União Mundo

da Ilha procurou uniformizar as indumentárias. “Do ponto de vista de imagem, deu uma outra visibilidade e qualidade estética aos integrantes do grupo.

No passado, não era assim. Cada ala do grupo tinha uma indumentária diferente. Doravante, a direcção decidiu alterar o cenário como forma de trazer uma lufada de ar fresco”.

**O União Mundo da Ilha é um dos mais tradicionais de Luanda. Venceu as edições do Carnaval de 1980, 1982, 1983, 1984, 1987, 1988, 1997, 2000, 2003, 2004, 2007, 2008, 2017 e 2020.**

| EDIÇÕES NOVEMBRO



## Para melhorar o Carnaval

Uma das sugestões apresentadas pelo presidente do União Mundo da Ilha, para tornar mais renhida a competição em Luanda, é a realização anual de apuramento nos municípios. Desta forma, o vencedor, disse, representaria o município no desfile central do Carnaval de Luanda. Isso, acrescentou, permitiria a redução dos grupos, do tempo e dos gastos financeiros. “Teríamos um Entrudo mais competitivo e menos desgastante”. Na sua visão, isso obrigaria os foliões a concentrarem-se apenas num único grupo, em representação da sua municipalidade.

António Custódio referiu que o “ciclo rotativo da vida faz parte do processo natural da humanidade”, razão pela qual, “com o passar dos anos, o União Mundo tem procu-

rado fazer o devido enquadramento dos jovens, em substituição dos mais velhos, que, vencidos pelos solavancos da vida, vão passando o legado às novas gerações. Uns encontram-se doentes e outros já faleceram. As poucas senhoras que resistem ao tempo tomaram o lugar de conselheiras. Desempenham as funções de ‘protectors’, com a missão de afugentar todos os males”. De tal modo que nada é feito sem o consentimento delas, explica o presidente.

“Desde a escolha dos panos, das alegorias às canções, tudo merece a aprovação das conselheiras. Se não forem ouvidas, pode dar azar”, garantiu António Custódio.

### Nova sede

O grupo União Mundo da Ilha tem um presidente, vi-

ce-presidente, secretário-geral, financeiro e um vogal que responde pela área infantil. O grupo já está a trabalhar no sentido de se transformar em associação. “Estamos a trabalhar na regulamentação dos estatutos e na legalização do grupo”, adiantou o presidente.

Os novos tempos, reconheceu, obrigam os grupos a serem mais criativos e auto-sustentados. Porém, disse, existem constrangimentos que precisam de ser bem analisados. De acordo com “Mano” Custódio, como é carinhosamente tratado na comunidade, os grupos precisam de ter sede própria e financiamentos.

Como exemplo, destacou importância das administrações municipais e distritais “fazerem corredores” junto dos empresários locais,

para o fomento das actividades artísticas, tirando o maior proveito da Lei do Mecenato. Uma das medidas seria fazer os grupos participarem nas actividades sócio-culturais das empresas a custo zero. Em contrapartida, as empresas financiariam os grupos na época do Carnaval. “Infelizmente, não se tem tido o apoio necessário para a potencialização dos grupos”, lamentou, defendendo que a Lei do Mecenato deve ser melhor clarificada e divulgada.

A falta de um patrocinador, realçou, tem inviabilizado a materialização de vários projectos do grupo, principalmente a construção de uma nova sede. “A intenção é construirmos um novo edifício, para tirarmos melhor rendimento. A situação financeira ainda não nos permite realizar esse sonho”.



EDIÇÕES NOVEMBRO

## Destino dos prémios ganhos



EDIÇÕES NOVEMBRO

Havia anos em que o grupo dividia os prémios pelos seus integrantes. Segundo António Custódio, foi numa fase em que “achávamos que o dinheiro era fácil de se conseguir, porque as coisas no mercado estavam mais acessíveis e o custo de vida não era tão difícil como agora”.

Esse comportamento custou caro ao grupo.

Actualmente, disse o responsável, parte do dinheiro vai para os cofres e outra para a confraternização. Para terem o grupo a desfilar na Marginal, elucidou, precisam gastar, no mínimo, 11 milhões de kwanzas. O dinheiro que recebem como prémio não

chega para cobrir as despesas, pelo que todos os anos existe um défice.

Só em alegorias, explicou, o grupo tem uma despesa de três milhões de kwanzas. “Se cada empresário transferisse 30 mil kwanzas, durante o ano, para a conta do grupo, na época do Carnaval já não teríamos a necessidade de solicitar avultadas somas financeiras”.

### Escolha dos temas

A vocalista principal do grupo e o vice-presidente têm a missão de trabalhar juntos na produção do tema. O conteúdo da música deve estar em concordância com

a alegoria e os outros elementos do grupo, para existir uma simbiose entre a dança e música.

Embora tenham uma história por preservar, segundo a vocalista principal do grupo, Tonicha Miranda, há a necessidade de se fazer inovações, no sentido de tornar a maior manifestação cultural do país num produto mais atractivo na promoção do turismo cultural.

A canção “Kuboca”, muito cantada pelos pesadores em momentos de nostalgia, segundo Tonicha Miranda, nos últimos tempos tem sido adaptada para uma cadência rítmica mais

acelerada, para torná-la mais dançante. “O mais difícil é fazer o enquadramento temático dentro de uma sonoridade mais rítmica, por causa da fonética da língua kimbundu”.

Como artista, Tonicha preferia cantar ao vivo, por exigir maior criatividade dos intérpretes, sendo que a maior dificuldade seria a criação de condições técnicas no local da actividade. “Gravar as canções em estúdio chega a ser mais cansativo. Já tive algumas experiências radiofónicas e é possível cantar ao vivo. Isso permitiria trazer alguma originalidade ao Carnaval”, defendeu.

## Papel das conselheiras

Desde a sua fundação, o União Mundo da Ilha mantém a mesma designação. Um dos fundadores foi o falecido António Miranda, pai da actual vocalista principal, Tonicha Miranda.

Tia Maria da Conceição João, Madalena Lourenço “Nga Muturi”, Lourenço Bernardo Mateus “Ma Kota”, Beatriz Domingos António “Tia Loló” e Esperança Miguel Pascoal desempenham actualmente a função de conselheiras, um “estatuto especial” atribuído aos mais velhos do grupo.

Na década de 60, conta tia Maria da Conceição João, deslocavam-se à Samba para assistir a manifestações culturais. Posteriormente, disse, juntaram-se e formaram grupos de bailarinos, sob orientação dos mais velhos. Tudo começou no bairro Farfalho, na Ilha de Luanda. Daí, explicou, o grupo começou a fazer os primeiros ensaios, na base do improvisado. “Foi assim que o movimento começou a ganhar vida e a juntar os moradores do bairro”, recorda outra conselheira, a tia Ma-

dalena Lourenço “Nga Muturi”.

O projecto União Mundo da Ilha ganha corpo em 1968, ano oficial da sua fundação. Segundo Nga Muturi, “foi durante o komba da tia Domingas que se decidiu atribuir um nome a todo aquele movimento cultural tradicional”.

Embora haja divergências entre as conselheiras, quanto ao dia e mês da fundação do União Mundo da Ilha, há unanimidade quanto ao ano – 1968 –, de acordo com a anciã Nga Muturi.

Os registos indicam que o Mundo da Ilha foi fundado a 12 de Dezembro de 1968, fruto da fusão do Evita da Ilha e dos Invejados.

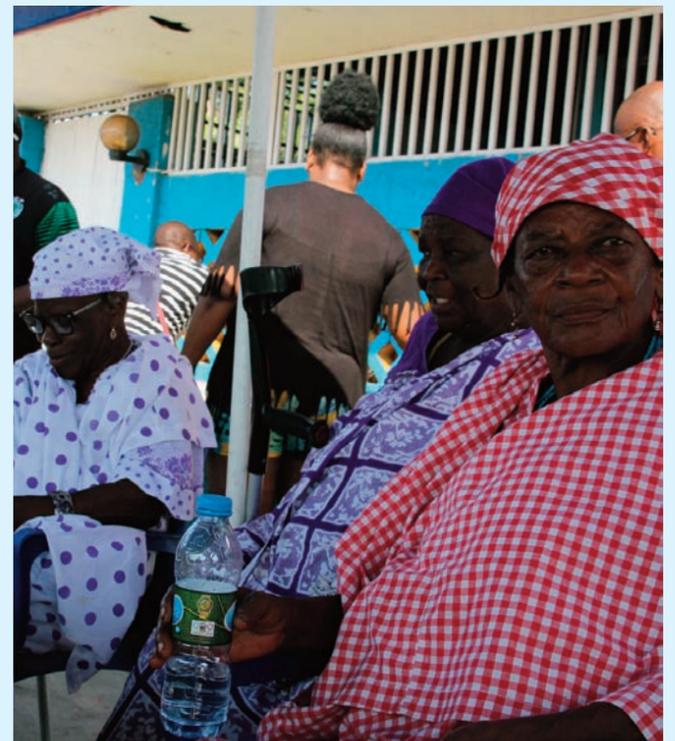
Lourenço Mateus “Ma Kota” recorda que os integrantes do grupo pagavam cota de dois a três escudos. Nos primeiros anos desfilavam com indumentárias feitas de panos coloridos chamados “chicata”. Cada senhora adquiria o seu próprio tecido para fazer a sua indumentária (saías), produzidas pela primeira vocalista e compositora do grupo, Brucunha Afonso. Um ano antes da sua morte,

o presidente fundador António Miranda indicara para seu sucessor o sobrinho Zeca e para o cargo de primeiro secretário Tio Basto.

De acordo com a tia Beatriz Domingos António “Tia Loló”, a história da composição musical e direcção do União Mundo da Ilha regista nomes Tia Kulu, Tia Mabunda (Nga Muturi), Tio Basto e Tio Miguel Diogo, o Rei Elias, Tia Cumo, Mana Pequena, Tia Esperança (primeira Rainha), Tia Josefa, Tia Francisca e as princesas Chinha e Kaloje.

A história da rivalidade entre os grupos é antiga. No passado, o grupo carnavalesco União Mundo da Ilha tinha como seu rival o Kabocomeu, como conta a antiga dançarina Esperança Pascoal.

Hoje, disse, o Kabocomeu está descaracterizado e, com o passar dos anos, a perder a sua essência. “Queremos que os grupos tradicionais do antigamente voltem a brilhar como no passado, quando a competição era muito mais interessante”, frisou Eperança Pascoal.



ALBERTO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO



## Os vírus do quarto \*

O nosso augusto presidente, que andava à caça de marimbondos desde que se transformara em inquilino do Palácio da Cidade Alta, forçado a cambiar o caminho da sua luta, decretou, pela primeira vez na história da nossa Angola democrática, o Estado de Emergência. Havia um novo inimigo a combater: chama-se coronavírus, é invisível, é altamente letal e, segundo os especialistas, é muito inteligente

Dias Neto

**Chegada aos meus** ouvidos a voz decretadora do augusto presidente, de súbito, pensei: este vírus é invisível, mas suas mãos são de uma força imensurável. Vão deixar ao céu toda a miséria que anda embarrada na nossa terra. Twadiwana!

Na manhã do dia da entrada em vigor do decreto, sexta-feira, saí para compra de vitualhas para casa, pois o meu casaca só disponibilizara o mísero estipêndio na tarde do dia anterior. Mas o decreto também permitia saídas afins e para questões de extrema necessidade. Nessa manhã, fiz-me surpreso ao ver as ruas enxameadas de gente, até de crianças. Nada justificava a presença delas na rua.

Já acuado no cubículo há dois dias, pelo rádio, de um especialista em saúde ouço que o coronavírus, que surge na China como epidemia, mas rapidamente a OMS promovera-o à pandemia e mudara o seu nome para Covid-19, era mais letal para os idosos e os que já padecesse de alguma enfermidade. Então, lembrei-me do achaque que há muito me persegue.

Sem delongar, no ouvido, troquei a voz do rádio pela da tia Isabel, a senhora que vende produtos da Forever. Procurei-a porque o especialista em saúde dissera que o suco de aloé-vera ajuda copiosamente a reforçar o sistema imunológico. A voz da tia Isabel, qual recordista, num ápice, deixou-me de

queixo caído, com grande espanto preso no rosto. O preço do suco teve uma subida de mais de 200%. Katé ngaxala. Ó dizwi wangilenga...

Pedi outro produto. A entrega fora acertada para depois de dois dias. Sumida a voz da tia Isabel, lembrei-me de que situação igual, de especulação, também se registara no mercado. As vendedeiras decidiram dikombar com a demanda que ocorria aos mercados. O limão atingira preços nunca antes vistos. Parecia era o substituto do petróleo que estava a ras-tejar devido ao coronavírus. Diante daquela situação, questionei aos meus botões: como é que estas pessoas não conseguem largar a cupidéz neste momento de grande incerteza, que devia ser de solidariedade? Ngongo wabiluka mwene. Ó henda wafu kya. Tusambenu!

Na manhã do dia acordado para a entrega do produto, a voz da tia Isabel cortou o paleio que mantinha com Pepetela, que, por meio do seu “Yaka”, era a minha companhia para este período de quarentena resultante do Estado de Emergência.

Já ao volante do meu “cabebeu”, na rua, a minha cabeça não tardou a estar à roda. Um grupo de jovens fazia trabalhos de pedicure e manicure na maior normalmente. Quer eles, quer as clientes, não usavam máscaras. Como pode alguém se preocupar com a beleza numa fase destas? Mesmo estando proibidos os eventos sociais?

Adiante, encontrei cinco jovens sentados debaixo de

um alpendre. Indaguei-os se não sabiam que estavam proibidos de estar sentados na rua, principalmente tão abeirados uns dos outros como estavam. A resposta deles apressou o movimento das quatro rodas do “cabebeu”. “Não somos assalariados. Dependemos de biscoitos. Estamos à espera que venha alguém chamar-nos para biscatarmos e, assim, conseguirmos meter alguma comida em casa”. Saí com a cara virada para o outro lado.

Na zona da Teixeira, parei: uma turba de vendedeiras algazarrava a área com corridas de um lado para outro. Três polícias suados, em vão, tentavam dispersá-las. Porretavam-nas, mas estas não fugiam distante. Tristonho, avancei. À minha mente veio uma reportagem que lera no Jornal de Angola, feita por altura de uma manifestação convocada para repudiar a implementação do IVA, porque, segundo os promotores, no país, havia muita pobreza, logo era um absurdo se implementar aquele imposto na percentagem de 17%.

Nessa reportagem, todos os entrevistados diziam que não participaram daquela manifestação para ir trabalhar porque têm filhos para sustentar. Infelizmente, quem governa esfregou as mãos e sorriu de lado. Não foi capaz de ler os sinais de perigo que vinham daquelas respostas. É deveras perigoso quando as pessoas só trabalham para comer. E, agora, o dikulo chegou. Se não vendem, não comem...

O rádio, que passara a ser a minha companhia, trou-

xe-me a bizarra notícia que dava conta que no Mali, onde se realizara eleições nesse dia, o principal político da oposição estava sumido. Fora raptado por elementos desconhecidos. Sorri a bom sorrir. O mundo todo está unido nesta guerra contra o coronavírus, mas estes políticos continuam com estas vilezas? – indaguei-me em pensamento.

Mal unira os lábios, nova notícia estapafúrdia levou-os a separar-se num riso sonoro: a notícia era sobre a queixa que o antigo treinador da Seleção Angolana de Basquetebol, o norte-americano William Voigt, havia apresentado no Tribunal Arbitral de Desporto por falta de pagamento dos seus salários. “Mas então como é que o Maneda, ex-presidente da federação, se dera a tal veneta, de ir contratar um técnico americano quando estava com os bolsos rotos?”

Alcançada a tia Isabel, paguei e recebi o produto. Fui parco nas palavras porque queria logo voltar ao meu “aquartelamento”. De regresso, o rádio passava músicas animadas.

Na zona da Teixeira, o “vaidai-vem daqui” entre as vendedeiras e os polícias continuava. Já não parei. À entrada da minha rua, nova amofinação nasceu em mim: uma leva de jovens estava reunida numa roda de cervejas. Os convivas gargalhavam à vontade. Totalmente alheios ao Estado de Emergência e ao vírus que deixava o mundo sem norte. Quanta ignorância!

“Estes são como aqueles jovens da Rua da Dira, a mais movimentada do Zango3, que, em entrevista, disseram não saber a origem do feriado do dia 4 de Fevereiro. Contudo, jubilosos, agradeciam o Governo por o ter criado porque os permitia estar em grandes beberetes”. – pensei.

Em casa, voltei à conversa com o Pepetela. Ia longo e animado o cavaco, quando o som que anunciava a chegada de uma mensagem ao meu telefone tirou-me a atenção. Aberta, quase caí de espanto. O Tesouro Nacional pedia-me apoio financeiro de, no mínimo, 500kz para ajudar o Governo na compita contra o assassino invisível. Mas como pode pedir ajuda a um dibinzado como eu?! Assim também enviou esta mensagem a aqueles jovens biscateiros que estavam sentados debaixo do alpendre. Eles jindakaram mal o Governo. Meter a mão no bolso roto do povo!? Eh!... ó iyi isunji pé!

De viseira caída, fechei a boca do Pepetela. Sentei-me à mesa para jantar. Findo, recorri ao rádio para acompanhar a situação da COVID-19, este vírus que veio lembrar-nos que somos todos meros mortais. Quando pensava que mais nada me levaria a rir nesse dia, eis que surge nova notícia hilariante: um comunicado do Estado Maior das FAA informava que, em Cabinda, militares foram detidos por se terem apropriado de haveres de uma mulher na via pública, quando mantinham a ordem no âmbito da quarentena.

– Neste quarto dia do Estado de Emergência, descobri que teremos muitos vírus a combater depois de nos livrarmos do coronavírus, este colosso que conseguiu destapar toda a podridão que fingíamos não ver. – disse a sorrir e, a seguir, fui dormir.

\*In “Escritos de Quarentena”, colectânea de poemas, crónicas e contos, Edições Handyman

### Jimmy Rufino in memoriam

(Reacção da família do malogrado ao texto publicado nesta página, no dia 10.5.2020).

“Congratulamos a nobre intenção de homenagear o malogrado pela sua vida literária. Todavia, refutamos como falsas, e atentatórias à memória do malogrado, a informação sobre melhorias obtidas no ano passado, após ajuda solidária de colegas da

União de Escritores Angolanos, de que resultou evacuação para assistência médica no exterior.

A deslocação à Namíbia, no interregno medical à quioterapia a que fora submetido no país, fê-la para mera confirmação de diagnósticos, e inteiramente custeada pela família”.

Rosa Pina Rufino  
Cônjuge sobrevivente